

# Brasil está longe de uma estagflação, afirma Tombini

Em audiência no Senado, presidente do BC aponta crise argentina como fonte de preocupação para desempenho da economia brasileira

**Victor Martins**  
**Laís Alegretti**  
**Eduardo Rodrigues** / BRASÍLIA

Pressionado por uma inflação ainda resistente e por previsões cada vez piores para o crescimento do País, o Banco Central (BC) passou a dar mais peso a questões internacionais em seus cenários macroeconômicos.

Em audiência no Senado, o presidente do BC, Alexandre Tombini, disse ontem que o Brasil “está longe” de uma “estagflação”, traduzido como um cenário de custo de vida elevado e estagnação do Produto Interno Bruto, mas apontou para o mercado externo como fonte de preocupação, deixando claro que o calote na Argentina e os conflitos no Leste Europeu e no Oriente Médio entraram de vez no radar do governo.

Aos senadores, Tombini tentou atenuar o peso dos dados de inflação e os indicadores de crescimento, ao afirmar que há uma elevada “variância” desses índices e que seria preciso saber colocá-los em perspectiva de médio e longo prazos. Mas admitiu que parte do ritmo mais moderado do PIB sofre influência direta da crise na Argentina.

“Nossas exportações para a Argentina, que representam 10% da produção, caíram mais de 30% este ano. A Argentina é o nosso terceiro maior parceiro comercial, depois de China e Estados Unidos, representando 8%

## ● Expectativas

“A revisão do crescimento tem sido mais uma norma do que exceção nas principais economias do G-20. Se olharmos desde o início do ano, houve dramática revisão de várias perspectivas de crescimento de economias avançadas e emergentes.”

**Alexandre Tombini**

PRESIDENTE DO BANCO CENTRAL

das nossas vendas totais.” Os problemas no país vizinho, segundo Tombini, afetaram principalmente a indústria automobilística. E lembrou que 90% das exportações brasileiras para a Argentina são de manufaturados.

Em seu discurso, Tombini fez uma avaliação mais positiva para a economia doméstica do que o consenso entre empresários e analistas do mercado financeiro. O presidente do BC reforçou que a inflação ao consumidor está “mais comportada” e que o BC continuará a perseguir a meta de 4,5% ao ano. O índice geral de preços mostrou um recuo na inflação por três meses consecutivos.

## NA WEB

**Online.** Pesquisa de preços volta à rotina do brasileiro



[estadao.com.br/e/precosinflacao](http://estadao.com.br/e/precosinflacao)

“E pode ter 0,4º mês ou até 0,5º mês (de queda).” E afirmou que essa queda repete o que ocorreu em 1998, 2005 e 2009.

Tombini disse, ainda, esperar um segundo semestre mais dinâmico que o primeiro e projetou índices de inflação mais amenos nos últimos três meses de 2014. Para ele, no entanto, economias avançadas e emergentes não se recuperaram como o esperado até aqui.

Depois de ser questionado por senadores sobre a piora nas expectativas de crescimento da economia brasileira, Tombini argumentou que a revisão de perspectiva para o PIB tem ocorrido em vários países. “A revisão tem sido generalizada. Não é fato isolado, não é algo que diz respeito somente ao Brasil”, defendeu.

O presidente do BC defendeu, ainda, a liberação de R\$ 45 bilhões em depósitos compulsórios aos bancos para estimular a concessão de crédito. “Nos últimos anos, observamos uma moderação no ritmo de crescimento do crédito, com o aumento do interesse na aquisição de casa própria e a diminuição de crédito para consumo. Moderou-se também a expansão do crédito para as empresas”, completou.

Por isso, afirmou Tombini, o BC optou por dar liquidez ao crédito. “A política macroprudencial é conduzida com o objetivo de aumentar a estabilidade financeira. Em 2010, foi usada para moderar excessos. Mas com a moderação indesejada



**Audiência.** Avaliação de Tombini sobre a economia doméstica destoou do mercado

## Presidente do BC defende fiscalização no caso dos R\$ 4 bi

● O presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, defendeu ontem, em audiência no Senado, a fiscalização feita pela instituição ao explicar a descoberta de uma conta paralela de R\$ 4 bilhões em créditos da União mantida por um banco privado nacional fora do radar do BC e que ajudou a atenuar o resultado

negativo das contas públicas de maio. “Nosso processo é um processo consagrado, segue as melhores práticas internacionais. Temos governança robusta com esse procedimento.”

Ele indicou ainda que mais esclarecimentos sobre a conta podem ser dados em requerimentos de informações. “Para questões adicionais, certamente o Congresso tem poder requisitório para acessar qualquer evento mais concreto que eu não posso aqui me aprofundar.”

Foi a primeira vez que o presi-

dente do BC falou sobre o assunto após a revelação feita pelo ‘Estado’, em julho. Na semana passada, o secretário do Tesouro, Arno Augustin, afirmou que cabia ao BC esclarecer a natureza da conta, opinião repetida pelo ministro da Fazenda, Guido Manteiga, em entrevista ao ‘Estado’.

O caso da conta paralela de R\$ 4 bilhões permitiu que o déficit primário de maio fosse de R\$ 11 bilhões, e não de R\$ 15 bilhões, como informou o porta-voz do BC em entrevistas gravadas. / JOÃO VILLAVERDE

no crédito em alguns segmentos, é justificável que medidas macroprudenciais apontem agora na direção contrária.”

O estrategista-chefe do Banco Mizuho do Brasil, Luciano Rostagno, avalia que não houve mudança no tom de Tombini

desde a última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom). Ao reafirmar que os efeitos do ajuste dos juros ainda estão por se materializar, Tombini indica que o nível de 11% da Selic seria suficiente para combater a inflação. “A sinalização

é de que é hora de esperar para ver como a economia se comporta”, disse Rostagno. Para o gerente de renda fixa da Leme Investimentos, Paulo Petrassi, o presidente do BC adotou “um discurso muito conservador”.

**COLABOROU OLÍVIA BULLA**